

A SIMBOLIZAÇÃO E O ARQUÉTIPO DA CRIANÇA DIVINA, A PARTIR DA EDUCAÇÃO GUARANI E PSICOLOGIA JUNGUIANA

Ana Luisa Teixeira De Menezes
Feliciano Siqueira De Paula Vargas

RESUMO

O projeto de pesquisa Infâncias e Educação Guarani promoveu abertura para estudos voltados para os modos como a infância é vivenciada pelos povos indígenas e, a partir desta aproximação, possibilitou pensar as repercussões nos modos de ser adulto e de constituição da convivência nessa coletividade. Convivência que tem na *palavra sagrada*, “Belas Palavras” – como os Guarani denominam. A partir das narrativas, das histórias e das memórias, foi possível perceber o modo como os indígenas abordam e representam as primeiras experiências de vida, como acolhem “os novos que chegam ao mundo”, como integram significados espiritualizados dos “inícios” da vida com temas mitológicos e simbólicos que atravessam o tempo, unindo passado, presente e futuro ao longo do ciclo vital de cada indivíduo e das diversas gerações. Realizar reflexões em torno da criança Guarani, o nascimento, o ritual de nomeação do nome da criança, denominado *nhemombaráí*, a caminhada da mãe, dos gêmeos e da palavra é entrar no cerne da educação Guarani. É uma tarefa complexa que temos investigado ao longo dos anos, no trabalho de pesquisa com os Guarani pois envolve um diálogo de linguagem e de um pensamento ameríndio que extrapola a condição do humano como o único ser que fala e que possui História, noções de escuta e da palavra. Todo esse desafio nos leva a caminhos epistemológicos xamânicos que podem estar presentes no cotidiano de nossos espaços educativos e clínicos, a metodologias de aprendizagens que rompem as separações do tempo e da História, a princípios educativos que possibilitam encontros espirituais, diálogos com a natureza e cultura. Adentramos em possíveis contribuições interculturais e psíquicas que perpassam não apenas universos indígenas tradicionais, mas espaços da clínica junguiana. São estudos que provocam interrelações, interaprenzagens e interculturalidades dialógicas entre a criança Guarani e a clínica junguiana. Os mitos, os arquétipos numa visão Junguiana estão muito próximos da criança e de seu funcionamento psíquico. Destacamos, a partir de pesquisas com os Guarani, o quanto as crianças Guarani vivem próximas de uma dimensão mitológica, favorecendo, não só às crianças, mas também aos adultos, um pensamento simbólico que tem resultado numa educação integrada à saúde. Serão destacados alguns aspectos da educação Guarani que situam o arquétipo da criança divina, no qual se desenvolve a simbolização dos opostos e a vivência do abandono e do divino, como princípio educativo e psíquico. A partir da pesquisa com as crianças Guarani estabelecemos um diálogo com a prática clínica junguiana reconhecendo a contribuição deste estudo para um maior entendimento dos processos psíquicos indígenas e não indígenas, num encontro entre educação e psicologia.

Palavras chave: Criança. Educação Guarani. Arquétipo. Mito. Psicologia Junguiana.

INTRODUÇÃO

Todas as civilizações que conhecemos, algumas cujo impacto ressoam até os dias atuais, deixaram suas assinaturas gravadas no espaço e no tempo das mais variadas formas. Linguagens e diferentes maneiras de transmitir o conhecimento, gravuras e obras de arte retratando cenas inimagináveis para quem as contempla, construções feitas com

diferentes arquiteturas que atravessam os séculos, costumes tão fortes que se sustentam durante gerações. Todas essas formas de expressão, cada uma com a sua singularidade, transmitem aquilo que é inerente à cada civilização, a que chamamos de cultura.

Podemos entender cultura sob diferentes pontos de vista. Em um sentido geral, a palavra, de origem etimológica latina, *cultura* e, significa, em síntese, o ato de cultivar a mente, o conhecimento. Refere-se à forma com que um povo compreende o mundo e se relaciona com ele, e a partir desta relação são produzidos os mais variados conteúdos que constituem a identidade de cada civilização.

Uma das principais formas de expressão cultural é a transmissão de conhecimento através de uma narrativa simbólica, que chamamos de mito. Os mitos sempre foram utilizados como ferramenta para explicar tudo aquilo que não poderia ser entendido em termos práticos, aquilo que está além do nível do entendimento racional e intelectual, e que é representado de forma diferente em cada cultura. Segundo Mircea Eliade (1998), os mitos garantem ao homem a coragem necessária para superar as suas dificuldades, pois, ao aceitar um modelo mítico, o homem passaria a decifrar a linguagem do mundo, deparando-se com o seu mistério. O entendimento deste mistério, segundo o autor, não é algo que pode ser traduzido em termos objetivos, pois possui uma natureza transcendental que o conduz a um outro plano: o das verdades absolutas. Por este motivo, considera os mitos como uma manifestação do sagrado, uma forma de conexão com o espiritual, e que tem o poder de guiar e dar significado à vida do homem. Esse pensamento é corroborado por Joseph Campbell (1988, p.19) ao afirmar que os “mitos são pistas para as potencialidades espirituais da vida humana”.

Campbell (1988) evidencia a importância dos mitos ao considerar que possibilitam ao homem um contato real com a sua própria natureza, com a experiência de estar vivo. Por esse motivo, afirma que “cada indivíduo deve encontrar um aspecto do mito que se relacione com sua própria vida” (1988, p.44), entendendo, assim, o seu próprio ser. Da mesma forma, uma sociedade sem conteúdo mítico estaria mais alienada de um ideal de vida, pois as suas relações seriam carentes de sentido e suas estruturas estariam em desarmonia com a sua própria natureza. O autor explica melhor a relação entre indivíduo e sociedade ao afirmar que “o mito é o sonho público, e o sonho é o mito privado”, e que ambos não só são devem ser buscados e entendidos, como devem estar em harmonia. Por este motivo, Campbell (1988) define o caráter pedagógico do mito como uma de suas mais importantes funções, pois o homem deve buscar aprender o seu papel dentro do meio em que está inserido, integrando-se a ele.

Segundo Campbell (1988), os mitos apenas apontam para uma ideia, e podem fazer isso de diferentes formas, sob diferentes pontos de vista. Por isso, ao compararmos os

conteúdos míticos de diferentes civilizações perceberemos uma grande variedade de símbolos e imagens:

Em qualquer parte da terra, as pessoas reconhecem essas imagens. Quer eu esteja lendo sobre mitos polinésios, iroqueses ou egípcios, as imagens são as mesmas e falam dos mesmos problemas. [...] Apenas assumem roupagens diferentes quando aparecem em épocas diferentes [...] E essas imagens míticas passam de geração a geração, quase inconscientemente. (CAMPBELL, 1988, p. 49).

Fica evidente, no pensamento de Campbell (1988), que os mitos representam realidades que estão além no nível da personalidade, e que podem ser expressadas de formas diferentes para um homem ou sociedade, mas que tem valor universal para ambos. A explicação que Campbell dá para este fenômeno é de que os homens são constituídos pelas mesmas ideais elementares, que Carl Jung define como arquétipos, e que apenas aparecem “sob diferentes roupagens” (CAMPBELL, 1988, p. 66).

Os arquétipos são definidos por Jung (2007) como elementos que formam a estrutura da psique, e que produzem os padrões de comportamento inerentes ao homem. Jung (2000) estabelece os arquétipos como o conteúdo do inconsciente coletivo, isto é, a parte do inconsciente que é impessoal e universal, e que só pode ser trazida ao consciente por um processo de simbolização. Segundo o autor, o homem está sempre em contato com figuras arquetípicas, da infância à velhice, mesmo que inconscientemente, e este contato é muito importante para que ele passe por essas fases necessárias da condição de humano.

Segundo o pensamento de Jung (2007), a infância e as fases iniciais de desenvolvimento das crianças são consideradas muito importantes no que diz respeito ao seu conteúdo arquetípico. Como ainda nesta fase da vida o indivíduo não tem bem estruturado o seu ego, isto é, a sua personalidade, possui uma forte conexão com tudo aquilo que transcende o pessoal. A infância, portanto, é uma fase em que se aprende e vive muito mais os mitos, os contos de fadas e as demais imagens simbólicas que serão, num primeiro momento, internalizadas pela criança e que posteriormente servirão de base para o comportamento daquele indivíduo ao longo da vida. Por este motivo o autor ressalta a importância do contato com as mais diversas formas de simbolização durante a infância, podendo haver traumas futuros quando existir uma confusão ou falta de contato com os arquétipos.

Nesse sentido, ressaltamos a contribuição da educação Guarani, para pensarmos a relação entre crianças, mitos e arquétipos. As crianças, conforme explicitado ao longo do texto, possuem um lugar próximo das divindades, elas são mediadores xamânicos. Na concepção uterina e no primeiro ano de vida, os cuidados devem ser redobrados, devido à proximidade com as divindades. Cada nome é um espírito, é a *palavra-alma*, a lembrança do *daimon*, da realização maior da pessoa humana. Portanto, cada criança é uma criança, um espírito diferente. Santiago, cacique, da aldeia em Barra do Ribeiro, comenta que seu neto

possui um espírito forte, que não se deixa afetar muito com os problemas familiares e cotidianos.

Enquanto o cacique falava para os alunos da UNISC, do Pós-graduação em Educação, a criança de 6 anos, apareceu sem blusa, correndo, com muita vitalidade. Era um dia que fazia 7 graus de frio e todos estávamos sofrendo com o vento frio. Essa imagem foi capturando todos os nossos olhares e o cacique nos explicou que sua mãe coloca a roupa e ele tira. E que não adoece. Esse, para a aldeia, é um exemplo de um espírito forte.

Metodologia e resultados

Nos caminhos das crianças e dos Guarani, desde a tese denominada: alegria do corpo espírito saudável: ritos de aprendizagem guarani até a pesquisa realizada no interior do Rio Grande do Sul – Estrela Velha e Salto do Jacuí – fomos compreendendo que o universo educação das crianças e infâncias Guarani passa por “uma educação da palavra e pela palavra, (...) para escutar as palavras que receberá do alto, geralmente através dos sonhos, e poder dizê-las” (MELIÁ, 2010, p. 42). Por isso, para Meliá (2010, p. 43), os xamãs são educadores privilegiados entre os Guarani “não porque tenham a palavra, mas porque abrem caminho para a palavra”.

A metodologia do trabalho foi baseada em Paulo Freire (2006), a partir dos círculos de cultura, compreendendo o diálogo como instrumento e princípio para a aprendizagem e a construção do conhecimento, considerando a vivência e a reflexão como estratégia de aprender e de formar-se. Os procedimentos metodológicos foram baseados no contexto e na pesquisa participante (BRANDÃO, 1999), que trabalha com a ação e a reflexão de forma comprometida com os sujeitos da pesquisa, estimulando encontros reflexivos que colaborem na ampliação da consciência e na percepção de que todos são agentes de transformação de nossas próprias realidades.

Os encontros foram inspirados nos círculos de cultura, ou seja, de aprendizagem coletiva, desenvolvido por Paulo Freire (1995) para promover o diálogo das palavras geradoras que fazem parte do universo vocabular dos mais diversos grupos. Cavalcante (2008) pensa a educação como um cultivo das forças organizadoras da vida e desenvolve o círculo de cultura como vivência de diálogo, expressão da palavra, do desenho, da pintura e da modelagem, no qual as pessoas dialogam a partir da abertura à multiplicidade de sentidos singulares e significados coletivos.

Destacamos que essa pesquisa participante tem a compreensão de coautoria com os sujeitos da pesquisa, dentro de uma etnografia participativa. Iremos dar ênfase a descrição mitológica de Vherá Poty, intelectual e colaborador e co-autor indígena.

O corpo, como símbolo do desejo e da identificação com a matéria necessita se enfrentada, conhecida. Para Vherá Poty (2015), o negativo é o mais fácil de ser vivido, é que envolve a genética, é o natural e o positivo é o que é aprendido. Isso requer um trabalho de

educação. Encontrar o espírito requer aprender a conhecer a natureza corporal, trabalhar o corpo numa perspectiva xamânica, conforme Kopenawa (2015) revela, para que a dimensão espiritual possa ser vivida, o espírito possa ser recebido.

A dança, enquanto ritual educativo segue esse princípio de que o corpo necessita estar forte, resistente e flexível para ser casa da palavra divina, para encontrar o *mboachy*, o sentimento mais pleno que alguém pode sentir, conforme Alberto Ortega, nos ensina. (BERGAMASCHI & MENEZES, 2015). O corpo é cuidado, “educado”, ornamentado, não como dimensão egóica, ao contrário, como percepção de que dali advém o visível, aquilo que é fácil de nos dominar, como o desejo de *jaxí*, um dos gêmeos, tinha de mamar e que na versão trazida por Vherá Poty (2015), impediu que *kuaray*, o outro gêmeo, ressuscitasse a sua mãe. Jaxi e Kuaray necessitam um do outro. Nas palavras de Vherá Poty (2015, p.28) “o lua foi gerado pelo irmão...como é gerado pela vontade de seu irmão, esse se torna uma luz bem mais frágil, porque ele só tem a luz forte quando seu irmão está junto...por isso que de noite ele vem, mas não clareia”. A história dos gêmeos que para Vherá Poty, é o princípio da vida Guarani, fala de um processo de humanização, que contém em si, a necessidade do trajeto e que se inicia quando a mulher sente que o filho está pronto para guiá-la. O filho nessa versão é o *kuaray*, o sol, filho de *Nhamandu*, que foi gerado para escrever a história da humanidade, da origem Guarani.

A relação que trazemos é a da complementaridade e da necessidade do humano de fazer a caminhada sendo guiado pela força do que *Kuaray* representa, enquanto o despertar da consciência, da clareza, conforme Jung (2007) explicita na reflexão do hermafroditismo na criança, como uma união de opostos. Um dos aspectos que vai sendo clarificado na caminhada é a presença do *xaria*, senhor da inveja. A sombra, assim como o *xaria* faz parte de uma dimensão invisível, que não precisa ter forma para exercer seu comando na caminhada do ser, que a princípio é negativo e positivo, contém em si uma potência de dualidade, como Nhamandu que é uma divindade que fala para a mãe no ventre materno humano, espaços nos quais se misturam os desentendimentos, os sofrimentos e a criação. Na caminhada, a mãe se irrita com o filho e perdem a comunicação sobre o caminho. *Xaria*, nesse momento exerce uma força maior, a ponto de fazer com que a mãe se perca na caminhada e interfira no processo de geração do filho, alegando que a criança não pode estar numa barriga aberta, como canguru, mas que a mãe precisa sentir dorno nascimento de seu filho, para sentir a imperfeição. “O *xaria* fica responsável, por coisas ao mesmo tempo, que ele gerou várias coisas em questões de dores, já que ele critica as questões” (VHERÁ POTY, 2015, p. 30). Para lidar com a complexidade que é nascer, os Guarani necessitam da ajuda do filhote de gambazinho, para diminuir a dor da mãe e também de um preparo corporal. Assim é que Os Guarani nos ajudam a pensar a relação de simbolização entre humano e não humano e do bem e do mal, do *xaria*, com toda a sua inveja, sendo responsável pela dor e

pelo nascimento, da sombra gerando luz, na medida em que *jaxi* (o lua) necessita de *kuaray* (o sol).

Muitas vezes, a gente está entre o bem e o mal, e às vezes, o mal também nos ensina ser uma boa pessoa, o mal não necessariamente quer dizer matar, tanto que, claro, diante do mal, o bem sempre está além e nisso, às vezes há um encontro. O bem e o mal te tornam uma pessoa boa. Por isso, não quer dizer que amanhã, essa sede que o mal provoca, te faz bem, às vezes! Saber que, às vezes, ele tem outra intenção, que o bem não se torne mais frágil diante do mal, então, ele nunca perde, mas diminui sua força vital. Exatamente, por isso, que eu falo: não precisa necessariamente o mal te fazer mal, ou seja, dependendo do momento, porque ele pode te fazer bem, mas te torna mais frágil. (VHERÁ POTY, 2015, p. 32).

DISCUSSÕES

O ponto de intersecção entre nossos estudos encontra-se em concebermos que o tema educacional dos processos iniciais da aprendizagem da linguagem e suas relações com modos de aprender a conviver com a dimensão do sonho, em lidar, simultaneamente, com as ordens do visível, do invisível e da palavra como “fala sagrada, agradável ao ouvido dos divinos, que as consideram dignas de si” (CLASTRES, 1990) – o elemento agregador que os enraíza no mundo. Por isso, “educar para os Guarani significa garantir o crescimento da palavra-alma, principalmente no primeiro ano de vida e que vai sendo cultivado ao longo da vida, a partir da compreensão do *Nhandereko* – modo de ser” (MENEZES; RICHTER; SILVEIRA, 2015, p. 7).

Através da compreensão das infâncias indígenas, destaca Cohn (2013), podemos aprofundar os modos de aprendizagens que formam os adultos, que perpassam os diversos modos de viver a corporalidade, as mediações de experiências cosmológicas e o lugar que elas possuem: no brincar, no fazer os brinquedos, na pesca, no movimento, nas cerimônias ritualísticas, etc. As crianças, para a autora, assumem, como no caso dos Maxacali, a centralidade dos ritos Guarani, como o *Nemongaraí*, ritual de nomeação das crianças, fundamento da constituição da identidade do adulto. (MELIÁ, 2010; CHAMORRO, 2008; BERGAMASCHI, MENEZES, 2015; VHERÁ POTY, 2015).

A ideia desenvolvida por Latour (1994) de que jamais fomos modernos leva a uma sincronicidade com a educação ameríndia, mais especificamente da criança Guarani, quando esta é considerada uma mediadora entre os adultos e os deuses. (CLASTRES, 1990).

Percebemos, a partir da crítica do autor, o quanto podemos dialogar com o pensamento Guarani, no sentido de perceber a complexidade relacional que existe entre natureza e cultura, admitindo a possibilidade de pensar o quanto as noções de rupturas epistemológicas e temporais, servem a uma educação progressista e que tem em seu cerne a busca de apagar o arcaico, o passado, o não humano, sendo este considerado como qualidade inferior e que, portanto, deve ser isolado de um projeto de humanidade. Nesse

sentido, podemos pensar que a criança, pode estar sendo transformada no símbolo do futuro sem passado. Ou seja, a criança representa, em nossa educação ocidentalizada, uma potência da modernidade, um marco que divide e esconde o irracional, o antigo nos porões do passado, o que ficou para trás, o que precisa ser superado, modernizado, educado.

Nessa reflexão reside toda uma diferença de pensamento, pois se na concepção Guarani, a criança é “passado” que precisa ser respeitado e escutado, na educação ocidental, a criança é o projeto de futuro. A lembrança do passado na criança Guarani dá-se pelo reencontro da alma, do nome dado pelas divindades, para ela possa relembrar de sua antiga morada. A importância do nome, que representa a vida, é o “fluxo das Belas Palavras, o fluxo substancial que une os humanos e os divinos”. (CLASTRES, 1990, p. 114).

A caminhada das crianças (gêmeos) Guarani, inicia na caminhada de sua mãe e mostra aspectos que Jung (2007) desenvolve sobre a simbologia da criança nos processos de individuação. Desde o nascimento miraculoso à insignificância da criança estar exposto, para o autor, isso vai revelando movimentos da gênese do Si-mesmo, co caminho de auto-realização, no qual o ambiente vai mostrando os perigos, a partir dos bichos, no caso dos Guarani, a partir das onças e a capacidade da criança de sobreviver e ultrapassar essas intempéries que anunciam a possibilidade de ser engolido pela alma instintiva.

Na caminhada dos gêmeos, a mãe é devorada pelas onças e as crianças sobrevivem e são cuidadas pela natureza animal, o que na visão junguiana revela uma identificação com o substrato psíquico coletivo. Se, por um lado, a mãe foi engolida, os gêmeos sobreviveram e foram cuidados pelas onças, o que expressa bem o sentido trazido por Jung:

Nada no mundo dá as boas-vindas a este novo nascimento, mas apesar disso ele é o fruto mais precioso e prenhe do futuro da própria natureza originária; significa em última análise um estágio mais avançado da auto-realização. É por isso que a natureza, o próprio mundo dos instintos, se encarrega a “criança”: esta é alimentada ou protegida por animais. (JUNG, 2007, p. 169).

O caminho das crianças passa a ser um encontro ou lembrança com a sua natureza originária, que muitas vezes é esquecida ao longo do caminho. É na caminhada que o Guarani sacramentaliza a sua palavra, fica de pé, assenta no solo, comparando a verticalidade da criança e a sua nomeação, que Chamorro (2008, p. 256) define como uma longa reza e divide em vários *Jasuká*. “O primeiro *Jasuka* narra o surgimento do céu e da terra”, depois o nascimento, as cerimônias de nomeação, os instrumentos dos rituais, como o *takuapu* usado pelas mulheres, o nascimento do milho, do indígena até chegar na caminhada dos gêmeos, que é comparada ao caminho do herói, do humano, e da mãe que percorre sua caminhada com sofrimento.

A história do guarani é narrada na caminhada, segundo Jerônimo, “é na trajetória que conta a história e a mata vive novamente”. A percepção é de que o Guarani precisa se

deslocar de sua aldeia para que a terra renasça mais fertilmente. A centralidade não é o humano, não é a pessoa, mas sim, o caminho, no qual o Guarani vive como um rito do mito dos gêmeos, que para Vherá Poty (2015), é o princípio da vida Guarani. A caminhada dá-se em torno do princípio, como um caminhar retroativo contrária a lógica do andaime e do progresso trazida por Latour (1994) e que embasa a lógica ocidental.

A dança é um portal, é mais que um movimento. A dança é a caminhada de uma pessoa, a orientação entre o bem e o mal, que te coloca entre o positivo e o negativo. Dança é orientação. E se vive numa espiritualidade única: *Nhamandú, Tupã*, casa de cerimônia. Os nomes *Vherá e Pará* vem de *Nhanderú Tupã; Kará e Jaxukavem de Nhanderú Kará; Kuaray e Ará* vem de *Nhanderú Nhamandú e Jakaira* é o criador de todos eles. *Kará* é o primeiro a ser criado por *Jakaira (Nhanderú Papá Tenondé)*. Princípio e fim, tudo e nada. (VHERÁ POTY, 2016, curso de biodança e educação Guarani, Santa Maria).

A clínica junguiana considera a presença da criança no processo terapêutico como a que emerge do útero do inconsciente e que a criança tem a forma de se impor frente aos perigos, conforme Jung descreve, como uma personificação das forças vitais:

Ela (a criança) representa o mais forte e inelutável impulso do ser, isto é, o impulso de realizar-se a si-mesmo. É uma impossibilidade *de ser-de-outra-forma*. O impulso e compulsão da uto-realização é uma lei da natureza e por isso, tem uma força invencível, mesmo que o seu efeito seja no início, insignificante e improvável. (JUNG, 2007, p. 171).

Considerações finais

As pesquisas com os Guarani, e o aprofundamento da criança nesta cultura aliado ao diálogo com a teoria junguiana tem nos provocado a busca do aprofundamento do arquétipo da criança divina no processo educativo dos Guarani e na dimensão terapêutica não indígena.

Fica evidente a força real e simbólica da criança na cultura Guarani, enquanto uma imagem de força, de resistência e de simbolismo, tendo em vista que a criança está bem próxima dos princípios mitológicos, através do nome. Há um esforço para que na matéria, a criança não esqueça de sua origem divina. E que a aprendizagem da linguagem, do caminhar seja uma lembrança de seu próprio nome, de seu espírito, para que ao longo da vida, o caminhar seja mais integrado.

A partir da contribuição dos Guarani e do diálogo com a teoria do Jung, temos observado na teoria junguiana, o quanto a figura da criança ou da mulher grávida aparece nos sonhos e nas falas dos pacientes, como uma necessidade de recordar algo divino, o que nos instiga a pensar que, a presença das crianças, além de todos os aspectos já desenvolvidos por Jung, pode também estar representando um encontro psíquico com um estado de transformação ou que esse encontro revela uma consciência nascente, tema este que será mais aprofundado em nossas pesquisas.

Tais diálogos que temos feito com Jung e os Guarani tem nos possibilitado perceber ou levantar alguns questionamentos de que a simbologia da criança, quando aparece nos sonhos ou nas palavras de nossos pacientes podem estar falando de estados psíquicos mitológicos anunciando encontros arquetípicos que favorecem os processos de cura e de saúde. E ao mesmo tempo, temos fortalecido a mitologia Guarani como base para a fundamentação da pessoa em seus processos de busca de integração, de mitologização e individuação.

REFERÊNCIAS

BERGAMASCHI, Maria Aparecida; MENEZES, Ana Luisa Teixeira de. *Educação ameríndia: a dança e a escola ameríndia*. 2 ed. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2015.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *Repensando a pesquisa participante*. São Paulo: Brasiliense, 1999.

CAVALCANTE, Ruth. A Educação Biocêntrica: Dialogando no Círculo de Cultura. *Pensamento Biocêntrico*. Pelotas: n 10, p. 95-125, jul/dez, 2008.

COHN, Clarice. Concepções de infância e infâncias. Um estado de arte da antropologia da criança no Brasil. *Revista Civitas*, Porto Alegre, v. 13, n. 2, 2013, p.221 -224.

CHAMORRO, Graciela. *Terra Madura, yvy araguyge*: fundamento da palavra Guarani. Dourados: Editora da UFGD, 2008.

CAMPBELL, Joseph. *O poder do mito*. Associação Palas Athena, São Paulo, 1988.

CLASTRES, Pierre. *A fala sagrada*: mitos e cantos sagrados dos índios Guarani. Campinas: Papirus, 1990.

ELIADE, Mircea. *Aspectos do mito*. Lisboa: Edições 70, 1989. p. 119 – 122.

FREIRE, Paulo. *À sombra desta mangueira*. São Paulo: Olho d'Água, 1995.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia*: saberes necessários à prática educativa. 33 ed, Ed. São Paulo: Paz e terra, 2006.

JUNG, Carl Gustav. *Os arquétipos e o inconsciente coletivo*. 5 ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

KOPENAWA David; BRUCE, Albert. *A queda do céu e a palavra de um xamã Yanomami*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

KUSCH, Rodolfo. *America profunda*. Buenos Aires: Editorial BONUM, 1986.

LATOUR. Bruno. *Jamais fomos modernos*: ensaio de antropologia simétrica. Rio de Janeiro, ed. 34, 1994.

MELIÀ, Bartolomeu. Educação guarani segundo os Guarani. In: STRECK, D. R. (Org.). *Fontes da pedagogia latino americana*: uma ontologia. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.

MENEZES, Ana Luisa Teixeira de; RICHTER, Sandra Regina Simonis; SILVEIRA, Viviane Fernandes. *Nhandereko Kue Kyringue'í Reko Rã*: nossa história para as crianças. Porto Alegre: Imprensa Livre, 2015.

POTY, Vherá. Entrevista. In: BERGAMASCHI, Maria Aparecida; MENEZES, Ana Luisa Teixeira de. *Educação ameríndia*: a dança e a escola ameríndia. 2 ed. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2015.

POTY, Vherá. *Curso de biodança e educação Guarani*. Santa Maria, 2016.